

Posto isto, é possível afirmar que, entrevendo a personagem-consciência mais tarde surgida nos seus contos, João de Araújo Correia faz já neste seu primeiro livro – espelhando a paisagem, os costumes, os sentimentos, a poesia e todos os motivos pictóricos (e pitorescos) e emocionais – saber o leitor do seu amor dos pobres e o amor da terra: “Desejo que a minha terra possua uma escola comercial e industrial para o comum dos seus filhos. Para desviar do tasco os operários e do alcouce os caixeiros”.

Dos quatro últimos textos do livro, destacam-se um mini-conto que surpreende pela capacidade de alimentar o espanto do leitor e uma crónica, o derradeiro texto, que lhe imprime um forte pendor irónico e não menos humorístico.

Sem Método – notas sertanejas pertence ao tipo de livros que desde logo identificam o seu autor no futuro.

MAURÍCIO IEIRI



FRANCO, J. Eduardo, COSTA GOMES, Ana C. de, CIESZYNSKA, B. Elżbieta, *Gardens of Madeira – Gardens of the World. Contemporary Approaches.* Cambridge Scholars Publishing, Newcastle upon Tyne, 2010.

Luís Machado de Abreu, ao analisar e construir uma ponte entre a natureza e a arte na construção dos jardins, escreveu: “A idéia de jardim aparece então como alternativa ideal a todas as formas de depredação que têm devastado a pujança do nosso *habitat* natural. [...] Na idéia de jardim damos consistência figurativa à invencível aspiração à eutopia, sitio da infinita felicidade, paraíso” (p. 236). O livro *Gardens of the World – Gardens of Madeira*, editado por José Eduardo Franco, Ana C. da Costa Gomes e Beata Elżbieta Cieszyńska apresentou diversas visões e pensamentos acerca de grandiosos jardins, suas representações e importâncias históricas, culturais e sociais.

A abordagem proposta pelos editores se revelou familiar aos historiadores, em que os diversos artigos inseriram os jardins nos contextos sociais e traçaram um diálogo com outras estruturas em questão. Os espaços dos jardins foram vistos, pelos autores que contribuíram para a obra, em diferentes perspetivas, culminando em um ponto do seu papel de importância dentro de determinadas culturas. Para além dos espaços físicos, foram buscados os impactos urbanos e comerciais implícitos na organização dos jardins, além de sua simbologia nacional, um local com potencial único de união entre arte e natureza. Através deste foco, os autores mostraram reflexos da existência de tais locais partindo de vários âmbitos, seja em menor escala, como mostrou Teresa Pinheiro sobre os importantes jardins caseiros na Alemanha pré-Guerra Mundial, ou com o foco adotado por José Eduardo Franco nos jardins da Madeira, texto que abordou uma esfera maior, considerando a mitologia regional e o enraizamento dos jardins como objeto cultural.

Dividido em quatro partes, o livro aproximou os artigos presentes em grupos de afinidade temática. O primeiro bloco de artigos fez referência ao título do livro, tendo a ilha Madeira como estudo. Logo no início, os autores do volume lembraram o curta-metragem lançado em 1931 com a intenção de mostrar as belezas insulares do local para americanos e ingleses. O breve vídeo mostrou uma seqüência de ce-

nas do cotidiano dos moradores da ilha: dos curiosos métodos de transporte à infraestrutura para a recepção do turismo. De forma evidente, uma constante presente nas imagens capturadas pelas lentes, a presença do mundo natural foi destacado, concedendo uma atmosfera paradisíaca para a pequena ilha.

O artigo de José Eduardo Franco, *Madeira, Myth of the Garden Island: Culture of Regionality or of the Imperfect Nationality* explorou os mitos que estão na raiz da imagem da Madeira, fortalecendo os vínculos entre o livro e o vídeo de 1931. Para o autor, a Madeira criou seus mitos a partir da flora rica e diversificada, consolidando uma imagem de paraíso em meio ao oceano, um jardim que oferecerá sempre abrigo e hospitalidade durante as perigosas viagens marítimas. Há três níveis de mitificação da Madeira enquanto Ilha-Jardim, argumentou Franco, níveis que dialogam entre si para a construção de um ambiente turístico. O primeiro mito vem da imagem de uma ilha paradisíaca, de um Éden no meio do Atlântico. O segundo mito, de impregnado com uma nostalgia quase que cultural, diz sobre uma era de ouro na história da Madeira, na prosperidade uma vez vivida. Há também a imagem de um portal, um ponto de partida para o novo mundo:

O terceiro plano de mitificação é aquilo que designamos por epopéia madeirense. Esta narração épica faz do ilhe nascido neste arquipélago o trabalhador por excelência e dos madeirenses o povo estóico – o povo mártir do trabalho –, que teria transformado a natureza selvagem da sua terra orograficamente acidentada, agreste e de acessos difíceis num jardim humanizado e ordenado pela força do trabalho intensivo, árduo, regado com o suor do rosto no decurso de uma labuta de sol a sol (p. 19).

O texto explorou a relação entre homem e natureza, a necessidade do labor diário em difíceis condições para habitar o terreno isolado, o verdadeiro mito do homem que se concilia com as dificuldades impostas pelo mundo natural. Franco estabeleceu os mitos que definiram, em parte, o zelo quase divino dedicado à Madeira. Essa característica se espelha nos próximos capítulos, espaço reservado para discutir as representações da Madeira nas culturas inglesa (Marie-Luise Egbert), italiana (Mariagrazia Russo) e nas culturas eslavas (Beata Elżbieta Cieszyńska).

Gardens as Temporal and Spatial Categories. Literary and Cultural Approaches, a segunda parte do livro, aproximou o tema aos campos da História das Idéias e da História Cultural. Os textos presentes neste conjunto contêm um aprofundado estudo da presença dos jardins em culturas diversas, como a China (Daniel Y. Kwok), Rússia (Maria Kistereva e Olga A. Saprykina) e França (Chandra Mukerji). Há um flerte com a teoria do historiador francês Fernand Braudel, inserindo os jardins na média duração, confrontando não apenas a presença desses espaços em suas respectivas culturas, mas também destacando imagens culturais que se projetam nos jardins, conceitos complexos e costumes que interferem no modo como são construídos e idealizados os grandes e pequenos jardins. Daniel Y. Kwok situou o termo *tingyuan* como a harmonia entre o espaço e a ocasião, entre a ação e a natureza. São locais em que o tradicional ainda divide espaço com a modernidade, jardins mutáveis e estáticos ao mesmo tempo.

Os jardins que cercam os templos maçônicos formam um micro-cosmos único, carregado de simbologias datadas e específicas, em que o autor José A. F. Banimeli, que abre o conjunto intitulado *Gardens as na Expression: Social-cultural Perspectives*, fez um essencial levantamento bibliográfico acerca do tema. Das grandes estruturas Maçônicas para os jardins domésticos, o próximo artigo foi centrado nos *Schrebergärten*, em que Teresa Pinheiro escreveu sobre a necessidade dos pequenos jardins em uma Alemanha devastada pela Primeira Guerra Mundial:

Com os maridos ausentes em Guerra, tratava-se para as mulheres não de contribuir para fazer da Alemanha uma nação invicta, como o queria fazer ver a propaganda de guerra, mas sim, tão simplesmente, de

lutar pela da família. Foi, principalmente, a partir do bloqueio do mar do norte pelas tropas inglesas, em 1915, que o abastecimento da população se tornou insuficiente. A Alemanha tinha, então, passado definitivamente de nação agrária a nação industrial, com o efeito de depender, em grande parte, da importação de produtos alimentares. No inverno 1916/17 a fome grassava por todo o país e provocava os primeiros mortos. Possuir um jardim, passava, pois, a ser uma condição *sine qua non* para assegurar a sobrevivência (p. 214).

Para finalizar os estudos sócio-culturais, Onésimo Teotónio Almeida fez um levantamento das influências portuguesas nos jardins norte-americanos, buscando nas semelhanças e nas diferenças pontos que traduziam os costumes lusos em terras que cruzam o Atlântico.

Re-creating the Archetypal Garden – Discourses and Practices encerrou a obra com um conjunto de estudos que aproximaram os jardins com a arte do mundo natural. Viriato Soromenho-Marques traçou um interessante diálogo entre os conceitos de Ecologia e Utopia, enquanto Roland Delbaere apontou influências bíblicas em jardins por toda a Europa. Há espaço também para os Museus ao ar livre (p. 268), jardins e parques europeus que oferecem uma experiência inovadora, além das possibilidades sinestésicas fora dos limites sensoriais das páginas do livro, um incentivo para vivenciar os jardins em sua verdadeira beleza. Gill Clarke rapidamente apresentou o Grassmoor Allotment Project, projeto que promove um estilo de vida mais saudável e maior integração entre gerações.

A última parte do livro contou com o estudo entre arte e natureza de Luís Machado de Abreu, que emprestou a citação para abertura desta recensão. Seu estudo abordou a construção pessoal dos jardins, para a leitura de sua composição natural enquanto arte, em sua forma física, sua construção, formas, flora e sua representação, fator que abre espaço para interpretações diversas: “Reúnem-se e confrontam-se imagens várias que são lidas como outros tantos fragmentos de um jardim que somos convidados a reinventar” (p. 365), escreveu. Para ele, os jardins funcionam como espaço em que a natureza se apresenta como arte, como um quadro orgânico sensorial que faz lembrar o afastamento do homem e do mundo natural, para o mergulho na sufocante vida moderna, na perda sensorial das mudanças das estações. Enfim, “é na poética da arte de jardinar que encontramos o instrumento da mediação entre a matéria natural e as ideias estéticas que modelam a fisionomia própria de cada jardim” (p. 367).

Gardens of Madeira – Gardens of the World se mostrou um interessante exercício analítico, buscando em um ponto convergente de características fulcrais de cultura e sociedade. A desconstrução dos jardins abriu espaço para discussões com visões originais ou brilhantemente revisitadas sobre nacionalidades, reflexos sócio-culturais e interpretações em espaços de convivência pública, conceitos de arte, natureza e utopia; é um convite para se repensar a integração do homem com a natureza através do utilitarismo, da ecologia ou do ponto de vista religioso. O livro não deixou de ser uma importante ferramenta historiográfica, emprestando diversas metodologias e estratégias de análise e condução textual.

Por fim, Daniel Y. Kwok resume, em seu artigo, o conjunto da obra:

Um jardim, seja qual for a sua classe mundial, proporciona ao visitante uma experiência estética de dimensões e variedades quase indescritíveis. Quer sejam os terraços do jardim italiano, ou cenário de água do jardim francês, a excelência do jardim natural/formal inglês ou a intimidade do seu jardim de flores, o romance e a excelência dos jardins ibéricos e islâmicos, a frugalidade do espírito zen do jardim japonês ou o *tingyuan*, as experiências estéticas podem ser várias, mas todas elas estão enraizadas na admirada contemplação do jardim como expressão da natureza, tanto na sua dimensão metafísica como física. (p. 160).